

**Roteiros da Inovação Pedagógica**  
Escolas e experiências de referência  
em Portugal no século XX

*Itineraries of pedagogical innovation*  
Reference schools and experiences  
in Portugal in the twentieth century

Joaquim Pintassilgo & Luís Alberto Marques Alves (coord.)



---

**JOAQUIM PINTASSILGO & LUÍS ALBERTO ALVES. *Roteiros da Inovação Pedagógica: Escolas e experiências de referência em Portugal no século XX*. Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2019.**

---

Coordenada por Joaquim Pintassilgo e Luís Alberto Marques Alves, a obra *Roteiros da Inovação Pedagógica: Escolas e experiências de referência em Portugal no século XX* resulta do trabalho realizado no âmbito do projeto INOVAR, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Este projeto, que reuniu investigadores de quatro universidades portuguesas – Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade de Coimbra e Universidade do Minho – teve como principal objetivo, tal como é descrito por Joaquim Pintassilgo no primeiro capítulo deste livro, intitulado *Um olhar histórico sobre escolas diferentes: Perspetivas teóricas*

e metodológicas, o “mapeamento de um conjunto amplo de escolas e experiências inovadoras, diferentes ou alternativas que se desenvolveram em Portugal ao longo do século XX” (p. 10). São, assim, apresentados quinze estudos de caso, versando sobre um conjunto diversificado de iniciativas e instituições educativas, organizados cronologicamente, de acordo com a data da sua fundação.

Para quem se interessa pela temática da inovação educativa a sua leitura permite não só conhecer uma diversidade de experiências e instituições educativas inovadoras, como também, e saliento em relação a este aspeto a pertinência do primeiro capítulo, *Um olhar histórico sobre escolas diferentes: Perspetivas teóricas e metodológicas*, compreender as perspetivas teóricas mais recentes sobre esta temática, assim como as questões metodológicas que se podem colocar a quem realiza um estudo nesta área. Neste primeiro capítulo, Joaquim Pintassilgo, para além de apresentar os objetivos do projeto INOVAR e justificar algumas das opções tomadas, em termos teóricos e metodológicos, descreve a problemática da inovação educativa e define os conceitos centrais relacionados com esta questão.

No que diz respeito aos relatos de experiências ou instituições inovadoras, a obra abre com um estudo da autoria de José António Afonso e António Manuel Silva que nos dá a conhecer a rede escolar criada pela Igreja Lusitana em Vila Nova de Gaia, cuja primeira escola abre as portas em 1868, com a finalidade de proceder à alfabetização e escolarização de crianças, jovens e adultos, provenientes das classes sociais mais desfavorecidas. Contudo, não é somente a diversidade de público que

procura abarcar, num período em que a educação para todos ainda era alvo de acesas discussões, que permite classificar esta experiência como inovadora; as dinâmicas pedagógicas (e.g. introdução de 'lições práticas', visitas de estudo) e os recursos pedagógicos utilizados (e.g. gramofone, projeções com lanterna mágica e cinematógrafo, gabinete de leitura), a valorização da educação física e dos "trabalhos manuais educativos", são aspetos inovadores que os autores salientam ao longo do capítulo.

No 3º capítulo, Eva Batista, apresenta-nos a *Associação de Creches de Santa Marinha*, associação que, tal como Igreja Lusitana referida no primeiro capítulo, desenvolve a sua ação em Vila Nova de Gaia. Instituição, ela própria, como a autora afirma um "fenómeno socioeducativo inovador" (p. 91), no sentido em que contribui para a construção de uma nova ideia da primeira infância, ou seja, a sua representação como uma idade passível de ser criada e educada numa instituição concebida especialmente para esta faixa etária, pois, apesar do seu carácter assistencial, a Associação de Creches de Santa Marinha, vai "pautar-se também por objetivos educacionais e até 'escolares'" (p. 91), contribuindo, desta forma, para a construção e difusão desta nova imagem da infância.

Francisco Miguel Araújo narra-nos, em seguida, a história do *Colégio Alemão do Porto*, fazendo a interligação com as transformações ocorridas no contexto político, nacional e internacional, ao longo do período de tempo analisado (1901-2001). Possuidor de uma história que podemos classificar, no mínimo, como conturbada, devido sobretudo às duas Guerras Mundiais às transformações daí decorrentes

nas relações políticas entre Portugal e a Alemanha, que se refletiram, como o autor demonstra, no funcionamento do colégio, levando inclusivamente, ao seu encerramento (1916 e 1945) e posterior reabertura (1922 e 1952), o *Colégio Alemão do Porto* caracterizou-se, desde a sua fundação, pela existência de dinâmicas e métodos pedagógicos que privilegiavam uma educação integral dos alunos através do recurso a uma pedagogia ativa e a uma diversidade de atividades extracurriculares. Outro aspeto inovador reside no facto de, a partir do período que se inicia com o final da 1ª Guerra Mundial, o *Colégio Alemão do Porto* abranger todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar ao secundário, o que, como o próprio autor afirma, constitui um "exemplo não muito comum em outras instituições de ensino em Portugal" (p. 128). Outro aspeto referido diz respeito à organização do espaço; a construção do edifício onde atualmente funciona o Colégio, nos anos 60 do século XX, para além de contemplar a existência de "salas com o máximo de luz solar e ventilação, espaços verdes e de lazer, aquecimento central, laboratórios, salão de festas, recintos desportivos" (p. 130), características presentes também no edifício onde funcionou entre 1932 e 1945, apresenta, como nos descreve Francisco Araújo, "algumas particularidades inéditas face a outros estabelecimentos locais: espaços diferenciados conforme os graus de ensino, integração de obras de arte na paisagem exterior, a construção de uma piscina escolar e de um observatório em forma de cúpula" (p. 130).

No 5º capítulo, Mário Vieira fala-nos da *Escola Prática Raul Dória*. Criada, em 1902, no Porto, por Raul Dória, para dar resposta a um problema concreto, "a ne-

cessidade interna dos estabelecimentos comerciais terem um pessoal qualificado, ou seja, com conhecimentos mais abrangentes e específicos” (p. 150), decorrente do desenvolvimento do comércio na cidade do Porto, esta escola, cujo uma das inovações consistia em privilegiar um método de ensino eminentemente prático, conheceu um assinalável sucesso durante o período em que funcionou (até 1964). Para além do método prático, que contribuía para a boa preparação dos seus alunos, reconhecida na comunidade comercial, não só portuense, como testemunha a sua frequência por alunos oriundos de outras localidades, desde Ponta Delgada a Évora e que conduziu ao seu funcionamento em regime externo, semi-interno e interno, esta escola possuía outras características inovadoras, designadamente, o facto de ser aberta tanto a homens como a mulheres e a existência de cursos livres, ou seja, o facto de os alunos poderem frequentar apenas disciplinas isoladas.

A *Escola Oficina n.º 1* é objeto da análise realizada por Maria João Mogarro e Alda Namora de Andrade. A extensão do estudo desta instituição educativa até ao ano do seu encerramento (1987), e a consequente ampliação do trabalho realizado por António Candeias (1994), trabalho, aliás, amplamente referido pelas autoras, permite ter acesso a uma etapa da vida desta instituição educativa que ainda não tinha sido objeto de análise. Essa análise permite-nos compreender como, devido a exigências e pressões exteriores um modelo pedagógico inovador, assente na pedagogia libertária e profundamente influenciado pelos princípios da Educação Nova e pelos princípios socialistas da educação, se normaliza através de, como afirmam as

autoras, um “processo de acomodação ao modelo tradicional de ensino” (p. 170).

Uma instituição dedicada à educação das crianças mais novas, o *Jardim-Escola João de Deus* é o foco do 7º capítulo. Neste texto, Elsa Rodrigues debruça-se sobre “a história e as práticas pedagógicas” (p. 205) de um dos Jardins-Escolas fundados pela *Associação de Jardins-Escolas João de Deus*, no período compreendido entre o ano da sua fundação (1915) e a morte de João de Deus Ramos (1951), pedagogo responsável pela criação destas instituições educativas. Localizado na Estrela, em Lisboa, o carácter inovador deste estabelecimento deste ensino revela-se na organização do espaço – “cada classe tinha o seu espaço e havia uma ampla zona de recreio” (p. 210) – na introdução de um método, ao seu tempo, inovador de aprendizagem da leitura e da escrita – a *Cartilha Maternal* – e nalgumas práticas pedagógicas, muitas delas, como a autora tão bem demonstra, reapropriações de princípios oriundos de pedagogos relacionados com o movimento da Educação Nova, designadamente daqueles que se debruçaram sobre a educação das crianças em idade pré-escolar, sobretudo Froebel – “os exercícios mais comuns que as crianças executavam eram os entrelaçamentos e as dobragens de crescente dificuldade criados por Froebel” (p. 223) – e Montessori – “A educação dos sentidos antecedia a educação intelectual, semelhante ao que afirmavam Friedrich Froebel e Maria Montessori” (p. 212).

O Instituto Moderno do Porto, instituição de existência efémera (1914-1918), como a própria autora, Helena Almeida Vieira, refere no título – *O Instituto Moderno do Porto: Um efémero exemplo de inovação pedagógica* – é-nos apresentado no

8º capítulo. Esta escola, criada por José de Oliveira Lima, médico e profundo defensor dos princípios da Educação Nova, constituiu um exemplo de uma instituição onde eram colocados “em prática os mais recentes métodos pedagógicos da Educação Nova” (p. 253), assim como os princípios educativos defendidos pelos autores pertencentes a este movimento. Destacam-se, neste contexto, a defesa de uma educação integral, uma maior proximidade entre professores e alunos, a utilização de uma pedagogia diferenciada e, nos que diz respeito aos métodos pedagógicos, o método intuitivo e a Lição de Coisas. No texto que se segue, Francisco Soares Caetano fala-nos, a partir de uma instituição concreta, a *Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis* do ensino técnico artístico no Porto durante um período temporal específico, 1948-1973. Nascida, ela própria, de uma reforma, em si mesma inovadora, a *Reforma do Ensino Técnico de 1948*, na *Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis* funcionavam uma diversidade de cursos, quer no que diz respeito à sua tipologia - “os cursos de *formação* e os cursos de *aperfeiçoamento* para além dos cursos de *especialização* e a *secção preparatória* para os cursos de pintura e escultura das escolas de Belas-Artes” - quer às áreas de formação - *Mobiliário Artístico, Gravador, Cinzelagem, Ourivesaria, Pintura, Escultura, Cerâmica Decorativa*. Todos eles tinham em comum serem cursos eminentemente práticos, nos quais, porém, não se descurava a educação intelectual dos alunos, visível na existência nos planos de estudo de disciplinas como português e matemática.

As *Casas da Criança*, uma iniciativa inovadora no campo da assistência e da

educação das crianças em idade pré-escolar, são alvo da atenção de António Gomes Ferreira, Luís Mota e Rooney Figueiredo. Iniciativa inovadora, no sentido em que, como os próprios autores salientam, não era comum, no período em que a maioria destas instituições foram criadas, entre os anos 30 e os anos 50 do século XX, “um órgão de administração territorial do território, posteriormente órgão autárquico” (p. 307), neste caso, a Junta Geral do Distrito de Coimbra, “conduzir uma política de assistência médica, sanitária, educativa e social criando, com (alguma) sistematicidade, um modelo institucional para criar e educar as crianças” (p. 307). Integradas, como os autores demonstram, num dispositivo mais vasto de assistência à criança e à família, que envolvia diversas iniciativas no âmbito da educação para a maternidade e na profilaxia da doença, as Casas da Criança destinavam-se ao acolhimento e educação das crianças no período de trabalho dos pais, permitindo que este pudessem ganhar o seu sustento e, simultaneamente, no que diz respeito às crianças, assegurar que estas eram criadas e educadas segundo os princípios científicos emanados da medicina e da psicologia, garantindo-se, desta forma, o seu pleno desenvolvimento. Mais uma vez, e tal como já foi referido em relação a outras experiências educativas, é notória a influência do movimento da Educação Nova quer na defesa de uma educação integral, quer no que diz respeito aos métodos pedagógicos, privilegiando-se, nestas instituições, a pedagogia montessoriana.

O *Jardim Infantil Pestalozzi* é a instituição educativa analisada por Ana Maria Pessoa. Obra de Lucinda Atalaia, “uma figura importante na difusão e na aplicação

dos métodos de trabalho segundo os princípios da Educação Nova em Portugal” (p. 349), esta instituição, que engloba jardim de infância e escola primária, caracteriza-se pela aplicação de métodos educativos inovadores, não só aqueles oriundos do movimento da Escola Nova, mas também, a partir dos anos 60, aqueles oriundos da pedagogia Freinet, dando-se particular atenção à área das Expressões e à educação cívica, privilegiando-se, acima de tudo, a autonomia das crianças, a sua intervenção “em liberdade e respeito pela sua iniciativa (p. 378). A proximidade entre a escola e os pais é outras das características inovadoras do *Jardim Infantil Pestalozzi*, proximidade essa promovida, desde a sua fundação, por Lucinda Atalaia, através da promoção de iniciativas dirigidas especificamente aos pais, cuja principal finalidade seria a sua educação, tais como “a organização de um Círculo de pais (1968), para discussão de questões educativas e os Estágios para Paus, para formação pedagógica destes últimos” (p. 365).

A instituição educativa analisada, por Maria Romeiras Amado, no capítulo que se segue, o *Centro Infantil Helen Keller*, trata-se de uma das primeiras instituições criadas em Portugal, com um cariz inclusivo, tendo como principal finalidade “integrar alunos com diversidade de características no campo da visão” (p. 383). Inspirada na pedagogia Freinet, o caráter inovador desta escola reside não só na inclusão de crianças com problemas de visão e na utilização de métodos pedagógicos inovadores, mas também na prática, desde a sua fundação, e num tempo em que tal não era teoricamente permitido, da coeducação.

O 13º capítulo, intitulado *Telescola: Pressão internacional, inovação educacio-*

*nal e mérito pedagógico* e da autoria de Luís Alberto Marques Alves, Rui Guimarães Lima e Francisco Pereira, tem a particularidade de incidir sobre uma experiência educativa inovadora, a *Telescola*, iniciada, em Portugal, no ano de 1964, por iniciativa do Estado. Criada num contexto temporal específico, em que a intervenção de organizações transnacionais na realidade educativa portuguesa, este caso a OCDE, põe em evidência o atraso educativo português, a *Telescola*, ao permitir abranger um número elevado de estudantes, por exigir menos recursos financeiros que as formas escolares existentes, ao utilizar aquelas que eram, ao tempo, as novas tecnologias, ou seja, a televisão, vai contribuir para a democratização do ensino em Portugal. É ainda de realçar a utilização de métodos pedagógicos inovadores, nomeadamente na didática da língua estrangeira, assim como de conteúdos, sobretudo no campo da matemática, com o ensino daquela que seria conhecida como a Matemática Moderna.

Joaquim Pintassilgo e Alda Namora de Andrade elegeram como objeto de estudo uma instituição educativa fundada em Lisboa, no início da década de 1970, *A Torre*. Nesta escola são privilegiados os princípios e os métodos da pedagogia Freinet, marca distintiva do seu caráter inovador, designadamente na ênfase que é colocada na cooperação, no autogoverno, na experiência e na educação integral, na imprensa escolar, a par com a lecionação de conteúdos pouco habituais em contexto escolar, como, por exemplo, a Filosofia para Crianças. Particularmente interessante é o recurso a memórias de ex-alunos que entrever o impacto desta experiência educativa nas suas vidas.

A *Escola da Ponte* é a instituição educativa que se segue. Carlos Manique da Silva e Cláudia Pinto Ribeiro analisam-se o projeto *Fazer a Ponte*, cujo principal objetivo seria “introduzir uma conceção inovadora da organização do espaço escolar” (p. 485), com a finalidade de promover o sucesso educativo dos alunos, através da construção de “espaços de aprendizagem flexíveis” (p. 494). Este é um projeto desenvolvido numa escola estatal, só possível graças à autonomia de que esta instituição sempre gozou, face ao poder central, autonomia que se estende, inclusivamente, à contratação de professores.

Por último, Raquel Pereira Henriques descreve-nos a história, a organização e o funcionamento do *Jardim de Infância São Jorge*, fundado na década de 1980, inspirado nas ideias pedagógicas de Rudolf Steiner, isto é, no que é comumente conhecido como a Pedagogia Waldorf. Como características inovadoras é salientado o respeito pelo ritmo de cada criança, não só em termos gerais de desenvolvimento, mas também de aprendizagem, assim como a importância atribuída à atividade lúdica e ao contacto com a natureza.

Pelo que foi anteriormente exposto, podemos afirmar que estamos perante uma obra que nos permite aceder um conjunto diversificado de experiências de inovação educativa, que abrangem diferentes públicos e diferentes níveis de ensino, desde o mais elementar, a creche e o jardim de infância, até ao ensino secundário, do ensino regular ao ensino vocacional.

A par com experiências de carácter efémero, tais como a Escola Prática Raul Dória (1902-1904) ou o Instituto Moderno do Porto (1914-1918), são apresentadas

experiências que perduram ao longo do tempo, por vezes por mais de um século. As experiências e as instituições cuja ação educativa se estendeu por mais tempo (e.g. Igreja Lusitana, Associação de Creches de Santa Marinha, Colégio Alemão do Porto) devem-no, sobretudo, segundo aqueles que as estudaram, à sua capacidade de inovação, de adaptação a transformações nos contextos sociais, políticos e culturais.

A capacidade de inovação está profundamente relacionada, em todas as instituições analisadas, com a sua autonomia educativa face ao Estado. Sendo, na sua grande maioria, instituições privadas, tal permitiu, mesmo em momentos históricos teoricamente mais adversos à diversidade educativa, como o período do Estado Novo (1926-1974), alguma liberdade em termos de conteúdos lecionados, assim como ao nível das dinâmicas e métodos pedagógicos utilizados no seu seio.

No que diz respeito às dinâmicas e aos métodos pedagógicos é de salientar a inegável influência dos autores ligados à Educação Nova no nosso país, influência essa que perdura até aos nossos dias. As questões da autonomia dos alunos, da importância de uma educação integral, que conjugasse as dimensões física, intelectual e moral, a utilização de metodologias *ativas*, a ênfase nos trabalhos manuais, a importância do contacto com a natureza, são aspetos que caracterizam a maioria das experiências analisadas decorrentes, precisamente, da influência do movimento da Educação Nova no pensamento pedagógico português. A partir de meados dos anos 60, denota-se a influência da pedagogia Freinet, muito por obra da divulgação do pensamento e dos princípios pedagógicos defendidos por este pedagogo, pelos fun-

dadores do Movimento da Escola Moderna em Portugal, em que se destacam Maria Amália Borges e Sérgio Niza. A realização de assembleias escolares, a utilização da imprensa ou dos ficheiros, são alguns dos aspetos realçados.

Outro aspeto que gostaria de salientar é a diversidade de fontes a que os autores recorrem na realização da análise das diferentes experiências e instituições educativas - orais (e.g. educadores, ex-alunos), escritas (e.g. imprensa pedagógica, arquivos pessoais, documentos institucionais) e iconográficas -, que nos permitem ter um retrato mais abrangente das experiências educativas analisadas. O recurso a fontes iconográficas, muitas delas utilizadas no presente livro para ilustrar alguns dos aspetos referidos, revela-se especialmente interessante, uma vez que, como alguns dos autores dos textos que compõem esta obra salientam, um dos aspetos importantes da inovação educativa relaciona-se

com o espaço, quer no que diz respeito à forma como o espaço físico se encontra organizado (e.g. adequação do mobiliário à dimensão da criança como aspeto promotor da autonomia do aluno), quer como os corpos são dispostos no espaço físico (e.g. imagem da mesma sala de aula em períodos de tempos distintos, que nos permite visualizar a utilização, numa mesma instituição, de diferentes modelos pedagógicos – p. 179).

Por todas as razões aqui invocadas, penso que se trata de um importante contributo para o estudo da inovação educativa, com especial realce para o contributo que dá para o conhecimento de experiências educativas inovadoras, muitas delas até aqui alvo de nenhuma ou pouca atenção, no panorama educativo português.

*Carla VILHENA  
Universidade do Algarve  
GRUPOEDE, CEIS20, UC)*